

**Fundação Oswaldo Cruz**  
**Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde**  
**Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas**

**CLIPPING INTERNET**

**Rio de Janeiro – Maio 2016**

13/05/2016

<http://www.segs.com.br/saude/16462-tire-suas-duvidas-sobre-o-uso-de-medicamentos-isentos-de-prescricao.html>

### **Tire suas dúvidas sobre o uso de medicamentos isentos de prescrição**

Apesar de estarem cercados de mitos a respeito de seu uso correto e finalidade, os medicamentos isentos de prescrição são importantes aliados para tratar problemas menores, como dores de cabeça e resfriados

São recorrentes as dúvidas a respeito do uso correto dos MIPs, como são chamados no Brasil os medicamentos isentos de prescrição, aqueles que não precisam de receita para serem comprados – e conhecidos mundialmente como OTC.

Esses medicamentos cumprem o papel de serem grandes aliados no tratamento de males e doenças menores, como dores de cabeça, resfriados e má digestão, além de exercerem um papel social e econômico importante, ao desafogarem o sistema de saúde. Com seu uso, os recursos públicos poupados no tratamento de doenças menores podem ser dirigidos para doenças mais graves, que têm grande impacto sobre a população e a saúde pública.

Ainda assim, esses medicamentos são, muitas vezes e erroneamente, relacionados ao uso indiscriminado e à automedicação. Por esse motivo, a ABIMIP – Associação Brasileira da Indústria de Medicamentos Isentos de Prescrição – vem fazendo um trabalho de educação e esclarecimento do consumidor a respeito do uso correto e consciente desses medicamentos. Para ajudar a solucionar equívocos, a associação esclarece abaixo alguns dos principais mitos e verdades sobre o uso dos MIPs. Confira!

Consumir medicamentos sem prescrição é automedicação e é perigoso. MITO

O termo automedicação é utilizado no Brasil de uma forma diferente do resto do mundo. Aqui o termo é confundido com a autoprescrição, que é a prática (incorreta) de comprar e utilizar remédios tarjados sem a receita/prescrição de um médico. Por isso, definimos a utilização responsável dos MIPs como sendo uma prática de autocuidado, que está alinhada com a classificação da OMS (Organização Mundial da Saúde).

Além disso, para que um medicamento seja aprovado pelas autoridades sanitárias como MIP, deve ter um alto perfil de eficácia e, principalmente, segurança, que envolve características como baixo potencial de toxicidade e risco (mau uso/abuso/intoxicação), reações adversas com causalidades conhecidas e reversíveis após a sua suspensão, baixo potencial de interações (medicamentosa e alimentar) e período curto de utilização. Para que seu uso seja seguro e consciente, sempre que o consumidor optar por usar medicamentos isentos de prescrição, deve seguir as orientações da bula e rotulagem e ter em mente que, se os sintomas persistirem, a suspensão do medicamento deve ser imediata e um médico deve ser procurado. Por fim, não existem registros de uso de medicamento sem prescrição por impulso. O consumidor usa MIPs somente quando apresenta algum sintoma ou problema.

O uso consciente de MIPs é parte importante do conceito de autocuidado. VERDADE

O autocuidado, conceito estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), é a forma como a população estabelece e mantém a própria saúde, e como previne e lida com as doenças. O conceito é amplo e envolve questões fundamentais como higiene (geral e pessoal), nutrição (variedade e qualidade dos alimentos ingeridos), estilo de vida (atividades esportivas, lazer etc.), fatores ambientais (condições de moradia, hábitos sociais etc.) e socioeconômicos (nível de renda, crenças culturais etc.), além do uso responsável dos medicamentos isentos de prescrição médica. Por isso, os MIPs são parte essencial da saúde, pois permitem que os indivíduos possam fazer uso de medicamentos com segurança, qualidade e eficácia comprovadas, para tratar sintomas e males menores já diagnosticados ou conhecidos, ou como ferramenta essencial de prevenção, como é o caso das vitaminas e antioxidantes

Por serem isentos de prescrição, os MIPs podem ser usados sem orientação. MITO

Para que o autocuidado seja pleno e o consumo de medicamentos sem prescrição, consciente e seguro, o consumidor deve estar bem informado para que exerça plenamente seu direito de decisão. O farmacêutico é o profissional mais indicado para orientar o consumidor quanto aos benefícios e efeitos adversos dos MIPs, nas farmácias e drogarias. Ele tem o papel de informar quanto à forma de administração (posologia), duração do tratamento, modo de ação do medicamento e possíveis reações adversas, contraindicações e interações com outros medicamentos e/ou alimentos. Também cabe ao farmacêutico orientar o consumidor a recorrer ao médico, caso os sintomas persistam. A propaganda informativa e as campanhas de conscientização e educativas também são iniciativas positivas para que a população tenha conhecimento e segurança para exercer seu autocuidado e possa tomar decisões conscientes sobre sua saúde. A ABIMIP também estipulou quatro regras para o uso responsável dos MIPs. São elas: 1. Cuidar sozinho apenas de pequenos males ou sintomas menores, já diagnosticados ou conhecidos. 2. Escolher somente medicamentos isentos de prescrição médica, de preferência com a ajuda de um farmacêutico. 3. Ler sempre as informações da embalagem do produto antes de tomá-lo. 4. Parar de tomar o medicamento, se os sintomas persistirem. Neste caso, o médico deverá ser consultado.

MIPs são os medicamentos que ficam fora do balcão das farmácias. VERDADE

O uso de medicamentos isentos de prescrição é papel importante no direito que o consumidor exerce de fazer escolhas conscientes a respeito da sua própria saúde. Para que ele tenha plenas condições de optar pela melhor forma de tratar seu problema, as farmácias devem investir em uma correta exposição dos MIPs, ao alcance da população e organizados por princípio ativo, para permitir a fácil identificação pelos usuários.

Todos os medicamentos deveriam ser tarjados. MITO

Entre os benefícios que os MIPs oferecem aos consumidores, está o conforto, já que não há necessidade de o usuário ir a um serviço de saúde para tratar-se de um sintoma conhecido, evitando que ele falte a compromissos importantes. A população que tem seus sintomas menores tratados por MIP apresenta aumento de performance (por exemplo, redução em ausência de trabalho/escola). O uso consciente desses medicamentos também age sobre a qualidade de vida e sobre o direito assegurado ao usuário de atuar sobre a própria saúde. Além desses benefícios para a população, o uso dos MIPs diminui substancialmente os custos e demandas para o sistema de saúde.

Atualmente, cerca de 350 mil médicos são responsáveis por prescrever os cerca de 64% que representam os medicamentos vendidos sob prescrição médica. Não seria possível que esses mesmos médicos dessem vazão também ao atendimento de males menores, que podem ser resolvidos hoje pelos MIPs. Se todos os medicamentos precisassem de receita, demandaria um aumento de 56% no volume de médicos (cerca de 196 mil a mais) o que causaria um inchaço no sistema de saúde brasileiro que já é deficitário.

O fato de os MIPs serem vendidos sem receita não aumenta o consumo desses medicamentos pela população. VERDADE

Medicamentos, de maneira geral, são exemplos de bens inelásticos, ou seja, a relação entre oferta e consumo quase não se altera diante de mudanças de preço e volume de oferta. Quando um bem é inelástico, mesmo que se aumentem as quantidades ofertadas e se reduzam os preços, a resposta na demanda mantém-se praticamente inalterada. Dados do Sinitox (Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas) mostram que os principais medicamentos causadores de intoxicações não são os MIPs e sim, em ordem de importância: antidepressivos, anticonvulsivos, anticoncepcionais, neurolépticos e ansiolíticos (todos com tarja). A causa dessas intoxicações não é a ingestão de medicamento sem prescrição e, portanto, não está ligada à venda livre ou à propaganda.

MIPs não possuem bula. MITO

Alguns dos medicamentos isentos de prescrição são comercializados em cartelas, o que faz com que muitos consumidores achem que eles não possuem bulas, faltando, portanto, trazem informações sobre finalidade, forma de administração, entre outras. Mas o que eles nem sempre sabem é que, para esses MIPs vendidos em cartelas, podem exigir a bula, que deverá estar disponível na farmácia, segundo as regras da Anvisa. Se, mesmo assim, o consumidor tiver dúvidas quanto à finalidade e ao modo de utilização de um MIP, ele também pode pedir auxílio ao farmacêutico.

Sobre a ABIMIP

A ABIMIP (Associação Brasileira da Indústria de Medicamentos Isentos de Prescrição) é uma associação sem fins lucrativos que representa 25 associados entre os principais fabricantes nacionais e internacionais de MIPs que, juntos, representam aproximadamente 80% do mercado farmacêutico brasileiro. Fundada em 1994, a Associação tem como missão apoiar o sistema de saúde para que os brasileiros possam tomar decisões em relação ao autocuidado de forma responsável, consciente e segura. Promovendo assim, uma sociedade mais saudável, com maior liberdade de escolha e que atenda aos interesses de seus associados. Para conhecer mais sobre a ABIMIP, acesse o site [www.abimip.org.br](http://www.abimip.org.br).

12/05/2016

<http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2016/05/importancia-dos-jogos-para-saude-e-tema-de-seminario>

**Importância dos jogos para a saúde é tema de seminário**

O Centro de Estudos do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz) realizará no dia 20/5, sexta-feira, das 9h às 12h, no auditório do Icict, o seminário Saúde em Jogo, que tem como tema O papel dos jogos na saúde.

A primeira palestra será a da pesquisadora e professora do SENAI-CIMATEC/Bahia, Lynn Alves, que falará sobre Gamebook - uma mídia para crianças com TDAH. Lynn Alves é professora visitante do Instituto Tecnológico de Bragança-Mirandela (Portugal) e coordena projetos de pesquisa e desenvolvimento em jogos digitais como Tríade, Búzios: ecos da liberdade, Guardiões da floresta Brasil 2014: rumo ao Hexa, Insitu, Industriali, Games studies, DOM, Janus e Gamebook. Ela também organiza e coordena há onze anos o Seminário de Jogos Eletrônicos, Educação e Comunicação - construindo novas trilhas.

No site Comunidades Virtuais (veja ao lado), é possível ver e baixar produções como In Situ, sobre sistema imunológico humano, onde o jogador aprende a controlar as células de defesa do organismo, defendendo o corpo de ataques virais e bacterianos, dentre outros.

A palestra seguinte será Videogame como Recurso Terapêutico na Reabilitação, com a terapeuta ocupacional Sandra Moura e o fisioterapeuta Humberto Neto, do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (INTO). Os profissionais implementaram o uso de videogames como recurso terapêutico na reabilitação de pacientes no INTO. Eles trarão a experiência do uso de videogames em ações planejadas de acordo com as necessidades específicas de cada paciente, com o aumento da motivação e adesão de pacientes de diversas faixas etárias.

SUSlândia: o jogo sobre a administração do SUS é a terceira palestra, que contará com a participação de Cynthia Macedo Dias, professora-pesquisadora do Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde (NUTED), da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), e Guilherme Xavier, pesquisador do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. O jogo mostra os mecanismos de funcionamento, as potencialidades e os desafios do Sistema Único de Saúde (SUS).

Finalizando, Flávia Carvalho, que é mestre em Ciências (PPGICS/Icict), pesquisa os sentidos da saúde propostos nos jogos digitais de entretenimento e desenvolve newsgames, abordará Newsgames para a saúde. Em sua palestra, ela falará sobre o que são newsgames, seu potencial para a comunicação em saúde e para a divulgação científica.

O seminário será realizado no auditório do Icict, que fica no campus Manguinhos da Fiocruz, Av. Brasil, 4.365. As inscrições são gratuitas, mas devido a limitação do espaço (40 lugares) é necessário se inscrever no através do site do Icict.

A abertura do seminário será feita pelo diretor do Icict, Umberto Trigueiros e a moderação será de Marcelo de Vasconcellos, do Grupo de Pesquisas Jogos e Saúde (Multimeios/Icict), que concedeu ao site do Icict a entrevista abaixo, falando sobre o evento e as expectativas para o uso de games na saúde pelo Instituto.

Por que realizar um seminário sobre o papel de jogos na saúde?

Jogos digitais ainda são um tema cercado de controvérsias e opiniões infundadas provenientes do senso comum. Mais do que um passatempo para crianças, eles representam uma nova mídia, que em si reúne elementos da maioria das mídias anteriores como texto, imagem, vídeo, animação, áudio, etc. São, portanto, uma forma poderosa de se conectar com o público

e como tal podem ter um papel importante para a saúde. O objetivo do seminário é justamente apresentar várias visões e formatos da relação jogos e saúde para que os participantes possam ter uma noção melhor deste campo nascente e muito promissor.

Qual o público alvo do evento?

É bem variado e vai desde desenvolvedores de jogos até pesquisadores e profissionais de saúde. Acreditamos que saber mais sobre o tema pode ser útil para diversas áreas e atividades.

Há alguma produção em relação ao tema?

O Icict lançou o Jogo do Acesso Aberto no ano passado (2015) e nos preparamos para lançar ainda este ano um jogo sobre intoxicação doméstica. Há também dois quizzes (testes de personalidade), que embora não sendo jogos propriamente ditos, usam uma abordagem lúdica semelhante para divulgar o trabalho do Sinitox.

Quais as principais dificuldades para fazer jogos na saúde?

No contexto da Fiocruz, tipicamente não temos as expertises de programação de game engines, modelagem e animação 3D que são necessárias para criação de jogos digitais, tendo por isso que recorrer a bolsistas ou profissionais contratados. Outra grande dificuldade é o preconceito de muitas pessoas quanto à mídia em si, entendendo que não é algo "sério" o suficiente para tratar de saúde e mesmo desqualificando a pesquisa e produção de jogos para a saúde como mero diletantismo.

Quais as perspectivas para o Icict nesse campo?

Até onde pudemos levantar, o Icict é a única instituição de saúde no Brasil que manifestou apoio institucional à temática dos jogos, através da certificação do nosso grupo de pesquisa Jogos e Saúde junto ao CNPq. Isso favorece que o Icict assuma um protagonismo muito grande neste setor emergente, consolidando uma reputação de excelência e liderança na pesquisa e desenvolvimento de jogos para a saúde, que em última instância beneficiará o SUS e à população em geral.

18/05/2016

<http://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2016/05/aumenta-o-numero-de-intoxicacao-de-criancas-por-produtos-de-limpeza.html>

### **Aumenta o número de intoxicação de crianças por produtos de limpeza**

Cápsulas de detergente para máquinas de lavar louça e roupa representam a maior parte dos casos nos Estados Unidos, segundo estudo recente

Por Gladys Magalhães - 18/05/2016 09h00 - atualizada em 18/05/2016 12h56

As cápsulas de detergentes utilizadas em máquinas de lavar louça e roupa foram as principais responsáveis pela intoxicação de crianças por produtos de limpeza nos Estados Unidos, nos últimos anos.

Coloridas, as embalagens lembram doces e essa pode ser uma explicação para o fato desses produtos responderem por 60% das mais de 62 mil chamadas recebidas pelos centros de controle de envenenamento norte-americanos, entre os anos de 2013 e 2014, para atender crianças menores de 6 anos.

Os dados são de um estudo publicado recentemente no periódico *Pediatrics*, da American Academy of Pediatrics ("Academia Americana de Pediatria", em português) e revelam que a exposição de crianças a esse tipo de produto tem crescido com o passar dos anos, aumentando em 17% o número de acidentes. No período estudado, 117 crianças foram entubadas por exposição a itens de limpeza. Destas, 104 ingeriram ou manipularam cápsulas de detergente para máquinas de lavar e duas foram a óbito.

#### No Brasil

Por enquanto, as cápsulas, cuja grande promessa é facilitar a vida das pessoas por já virem na medida certa para a lavagem, não são muito populares no Brasil. Porém, os acidentes envolvendo produtos de limpeza e crianças na faixa etária de 1 a 4 anos ocupam a segunda colocação no ranking do Sistema de Informações Tóxico-Farmacológicas da Fiocruz (SINITOX), perdendo apenas para os medicamentos.

“Podemos observar que houve um aumento significativo na oferta de produtos de limpeza nos últimos anos e eles estão cada vez mais chamativos, o que aumenta o interesse das crianças. Além disso, as tampas das embalagens não oferecem muita resistência, o que facilita o contato da criança com esse tipo de produto”, explica a professora Rosany Bochner, coordenadora do SINITOX.

Segundo os dados mais recentes da Fiocruz, em 2013, foram registrados no Brasil 9.507 casos de intoxicação de crianças, entre 1 e 4 anos. Desse total, 1.767 ocorrências envolviam produtos de limpeza.

Na opinião do toxicologista Anthony Wong, diretor médico do Centro de Assistência Toxicológica do Hospital das Clínicas da USP, além das empresas, os pais também são responsáveis por evitar esse tipo de acidente. “As crianças, por natureza, são curiosas. Os produtos de limpeza são coloridos, possuem cheiro agradável. É obrigação dos adultos guardar estas coisas em um lugar de difícil acesso, pois é melhor prevenir do que remediar”, diz Wong.

#### O que fazer em caso de contato

As consequências da manipulação ou ingestão dos itens de limpeza pelas crianças vão desde simples enjoos até ocorrências mais graves, como queimadura, congestão respiratória e parada cardíaca.

Para evitar que seu filho tenha contato com produtos de limpeza, mantenha-os sempre em locais altos e em embalagens adequadas. Evite, por exemplo, a compra de produtos de fabricação caseira que, geralmente, são acondicionados em garrafas pet. Eles podem ser confundidos com refrigerantes.

Se, ainda assim, a criança tiver contato com algum destes itens, a orientação é tentar manter a calma e ligar para o centro de intoxicação mais próximo, explicando o que aconteceu. Em São Paulo, o número é 0800-148110. Em outras cidades, basta ligar para o disque-intoxicação (0800-7226001) para ser direcionado ao centro mais próximo. Na impossibilidade de conseguir contato com um centro, busque ajuda no Corpo de Bombeiros (193).

"É importante não oferecer água ou leite para o intoxicado, pois, em vez de diluir a substância, eles acabam espalhando e tornando a lesão muito maior", ressalta Wong.